

Novos sítios de arte rupestre na bacia do rio Cávado, Noroeste de Portugal

Hugo Aluai Sampaio

Lab2PT; Laboratório de Paisagem, Património e Território;

Ana M. S. Bettencourt

Lab2PT; Laboratório de Paisagem, Património e Território, Departamento de História da Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Campus de Gualtar, 4710 - 057 Braga, Portugal

Artigo submetido em

29/03/2016

Artigo publicado em

31/03/2017

Palavras-chave:

Gravuras rupestres;

Norte de Portugal;

Bacia do Cávado;

Diversidade estilística e
cronológica;

Resumo

São poucos os lugares de arte rupestre conhecidos na bacia do rio Cávado. Tornando-se crucial a divulgação de sítios inéditos, são apresentados novos dados relativos a lugares com gravuras rupestres no concelho de Barcelos, distrito de Braga. Considerado como a representação clássica de Arte Atlântica, o complexo da Quinta de Paranho conjuga círculos concêntricos, círculos segmentados e covinhas. Motivo raro nesta área geográfica, a representação de um possível equídeo, surge no corpo da capela de Santiago de Moldes. Por fim, em Campo de Moinhos ocorre a representação de outro raro motivo, uma mão com antebraço. Entre outras considerações, os dados revelam uma ampla tradição na gravação de afloramentos nesta área, entre a Pré-história Recente e a Proto-história ou mesmo época posterior. A presença de um equídeo, a sul da bacia do rio Lima, considerada a “fronteira” destas representações, permite colocar a hipótese de que a expansão deste tipo de motivos possa ter ocorrido de norte para sul, quiçá por via marítima.

1. Introdução

Os afloramentos gravados conhecidos na bacia do rio Cávado não ultrapassam duas dezenas. Com uma exceção, a Laje dos Sinais/Monte do Olheiro 1, alvo de vários estudos monográficos, os restantes foram apenas noticiados com maior ou menor desenvolvimento.

De uma forma genérica e atendendo aos motivos gravados, a arte rupestre desta área geográfica pode subdividir-se em quatro categorias, a saber: Arte Atlântica; Arte de tradição esquemática, Covinhas; Podomorfos e Serpentiniformes.

No que concerne a expressões de Arte Atlântica ou de tradição Atlântica conhecia-se, até à data, o núcleo de arte rupestre de Obsedo, localizado em pleno Parque Natural da Peneda-Gerês, na

freguesia de Campo do Gerês, concelho de Terras do Bouro, distrito de Braga, e muito próximo da nascente do rio Homem (Redentor *et al.*, 2013). Além deste local, há apenas conhecimento do complexo da Laje dos Sinais, Monte do Olheiro, Bouça do Olheiro ou, simplesmente, Olheiro, situado na freguesia de Carvalhas, no concelho de Barcelos, em área de transição entre as bacias dos rios Cávado, a norte, e Ave, a sul (Sarmiento, [1894-95] = 1933; Cardoso, 1951; Coimbra, 2001, 2004; Sampaio & Cardoso, 2014; Cardoso, 2015).

O núcleo de Obsedo inclui sete painéis distintos que se distribuem ao longo de um enorme afloramento com cerca de 200 m de comprimento. Compreende representações de círculos concêntricos de dimensões invulgares, segmentos de círculo,

covinhas, sulcos lineares e um motivo de feição quadrangular (Redentor *et al.*, 2013).

O complexo da Laje dos Sinais/Monte do Olheiro inclui três afloramentos gravados, dois dos quais (Laje dos Sinais 2 e 3) com poucos motivos e parcialmente inéditos (Cardoso, 2015). Na Laje dos Sinais 1 ocorrem círculos, círculos concêntricos e figuras compósitas, compostas por círculos e semicírculos adossados, espiraliformes, meandriformes, covinhas e uma suástica, sendo este último motivo resultante de uma reutilização do lugar durante a Idade do Ferro (Sarmiento, 1984-85; Cardoso, 1951; Bettencourt, 1999; Coimbra, 2001, 2004; Sampaio & Cardoso, 2014; Cardoso, 2015) (Fig. 1). Na Laje dos Sinais/Monte do Olheiro 2, localizada a cerca de 2 m para sul da rocha anterior, foram detetadas escassas combinações circulares e

algumas covinhas (Cardoso, 2015), apesar de se tratar de um grande afloramento com a superfície superior irregular. A Laje dos Sinais/Monte do Olheiro 3, inédita, a alguns metros para nascente da primeira rocha, corresponde, também, a um grande afloramento de superfície superior aplanada, onde apenas se detetaram covinhas de diversas dimensões e profundidades.

O único local com arte de tradição esquemática conhecido nesta área é o afloramento das Almas 1 (CNS 31754), freguesia de Salamonde, concelho de Vieira do Minho. Aí podem observar-se motivos reticulados, covinhas e eventuais podomorfos ou figuras em Fi (Portal do Arqueólogo: Bettencourt, 2014a). As covinhas são conhecidas em todo o curso da bacia do Cávado[1]. De montante para jusante, destacamos o Penedo da Santa ou de Santa



Figura 1: Decalque atual da Laje dos Sinais/Monte do Olheiro (adaptado de Cardoso, 2015, p. 75).

Eufémia, Covide, Terras do Bouro (CNS 4509), um afloramento granítico com várias covinhas e podomorfos (Vieira, 1886; Silva, 1958; Gomes & Monteiro, 1974-1977[2]; Baptista, 1986), ao qual se associa uma lenda que é descrita por Pinho Leal (1873, p. 431) do seguinte modo: *“A pequena distancia a E. de Covide, está a capella de Santa Eufemia, e junto a ella um penedinho de fôrma espheroidal, para o qual se sobe por alguns degraus de cantaria e dominado por uma pequena cruz de granito. Chama-se Penedo da Santa, ou Penedo de Santa Eufemia. N’elle se vêem vestígios de muitas pégadas de um pé delicado. É tradição que fugindo Santa Eufemia á perseguição de seu pae, governador romano de Braga, vagára por estas serras e que fazendo oração sobre este penedo, ahi deixou gravados os signaes de seus pés”*.

No curso médio da bacia do Cávado salientam-se vários afloramentos rasantes ao solo, com covinhas de distintas dimensões, existentes na primeira plataforma do alto da vertente este-nordeste do Monte de S. Julião, na freguesia de Ponte, concelho de Vila Verde. Estes localizam-se nas imediações da acrópole onde se implantaram ocupações calcolíticas e do Bronze Final e no interior das ocupações da Idade do Ferro (Bettencourt, 1999, p. 297). Covinhas ocorrem, ainda, em seis afloramentos identificados no topo do Monte do Facho/Monte de Roriz, na freguesia da Oliveira, concelho de Barcelos, posicionados na área do Castro de Roriz/Monte do Facho. Aí, ocorrem sulcos isolados, sulcos ligando covinhas entre si, covinhas isoladas e covinhas desenhando segmento de reta ou figuras circulares (Bettencourt, 1999, p. 241-242; Coimbra, 2004). F. Coimbra (2004) refere, neste conjunto, a existência de um podomorfo.

Já no curso inferior da bacia, em pleno vale, e nas proximidades de monumentos megalíticos, descobriu-se, em 2001, o Penedo das Curtinhas/Cortinhas, um *“afloramento pouco destacado do solo, de formato ovóide com várias covinhas, na superfície superior, aplanada”* (Brochado, 2014). Ficava na freguesia de Vila Seca, concelho de Barcelos e foi destruído aquando da construção da A11[3] (CNS 17166). Por último, é de referir a representação de um possível serpentiforme na face verticalizada, virada a nascente, de um afloramento rochoso granítico, a cerca de 25 m para oeste das ruínas da antiga capela da Senhora da Boa Fé[4], no lugar do Monte, na freguesia de Bastuço (São João) e não na de Moure, conforme referido no Portal do

Arqueólogo (CNS 15072), no concelho de Barcelos (Fig. 2).

O local fica num patamar com pouco mais de 330 m de altitude, no alto da vertente sul da serra de Airó, e foi descoberto durante trabalhos de prospeção arqueológica ao abrigo da construção do gasoduto nacional protocolado entre a Transgás S.A. e o então Instituto Português de Arqueologia. O possível serpentiforme, visualizado pelos autores deste trabalho, tem cerca de 1.20 m de comprimento e é formado por um sulco que se alarga na extremidade mais perto do solo, o que pode corresponder à representação da cabeça. Foi realizado por percussão seguida de polimento, pelo que o sulco apresenta seção em “U”. Perto da possível cabeça, foi gravado um sulco de dimensões e patine distinta, que se crê muito posterior (Fig. 3).

Não será fruto do acaso, contudo, o reduzido número de lugares com arte rupestre conhecidos até à data. Na verdade, tal poderá dever-se à falta de estudos sistemáticos, em especial os vocacionados para esta temática, como, também, à forte antropização do meio que esta área conheceu, em especial desde o tempo da romanização.

Assim, e dada a escassez de dados disponíveis, torna-se crucial a divulgação de novos sítios que possam contribuir quer para aumentar o conhecimento sobre as diferentes manifestações de arte rupestre desta bacia fluvial quer para evitar a sua destruição e permitir a valorização patrimonial e o usufruto turístico de alguns. Deste modo o objetivo deste trabalho é a divulgação do complexo de arte rupestre da Quinta de Paranho e dos sítios de Santiago de Moldes e de Moinhos de Vento, todos localizados no concelho de Barcelos, distrito de Braga.

2. Novos dados

2.1. Quinta de Paranho

O complexo da Quinta de Paranho inclui dois afloramentos gravados com motivos de tradição Atlântica e a sua descoberta foi noticiada num semanário local[5]. Situa-se em terrenos da Quinta de Paranho, no lugar de Paranho, freguesia de Remelhe, nas seguintes coordenadas geográficas decimais, no sistema WGS 84: N 41° 29.474'; W 008° 36.090' à altitude de cerca de 226 m (Fig. 4).

Ocupa um pequeno patamar na base da vertente oeste-sudoeste do Monte da Vaia, numa área tradicional de passagem entre o vale e o topo do

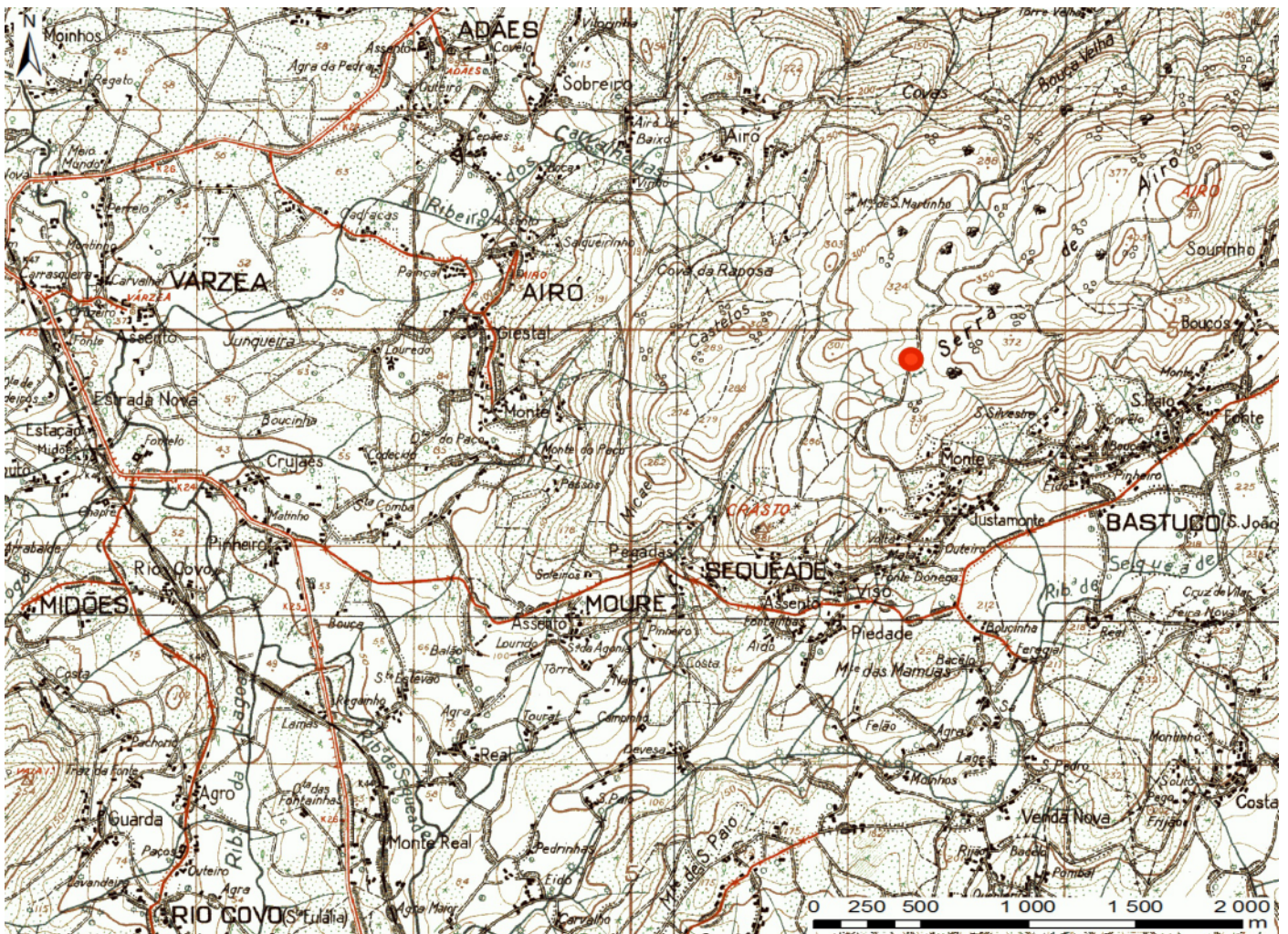


Figura 2: Localização do afloramento gravado nas imediações da capela da Boa Fé na Carta Militar de Portugal, folha nº 69, esc. 1/25 000 (ed. Serviços Cartográficos do Exército).

monte e não muito longe da Estrada Real, que passa a nascente.

O substrato rochoso do local é composto por granitos não porfiroides de grão fino (Teixeira *et al.*, 1969), com especial destaque para as suas colorações cinzas claras e amareladas, por vezes pontuadas por veios avermelhados. Nas suas imediações brota a denominada “Fonte dos Santos” e nasce o ribeiro de Amiais, afluente do rio Lima, tributário pela margem esquerda do rio Cávado. Dali é possível vislumbrar, no horizonte, o oceano Atlântico, o vale do rio Lima, afluente do Cávado, e, também, a vertente nor-nordeste do Monte da Saia, onde se implanta o complexo de arte rupestre da Laje dos Sinais/Monte do Olheiro. Perto estão identificadas alminhas que, associadas ao caminho do monte e à Estrada Real, levam a identificar esta área como tendo sido, desde longa data, lugar de passagem e de ligação entre diferentes “mundos”. O local tem ainda a particularidade de ter funcionado como pedra artesanal.



Figura 3: Aspeto do possível serpentiforme nas imediações das ruínas da antiga capela da Senhora da Boa Fé (Foto dos autores tirada em março de 2016).

Quinta de Paranho 1 corresponde a um afloramento rasante ao solo, em parte soterrado, com cerca de 25 cm de altura, com o maior eixo, com cerca de 5,98 m, no sentido NE-SO. Apresenta cerca de 4,76 m de largura e está parcialmente fraturado, por ação

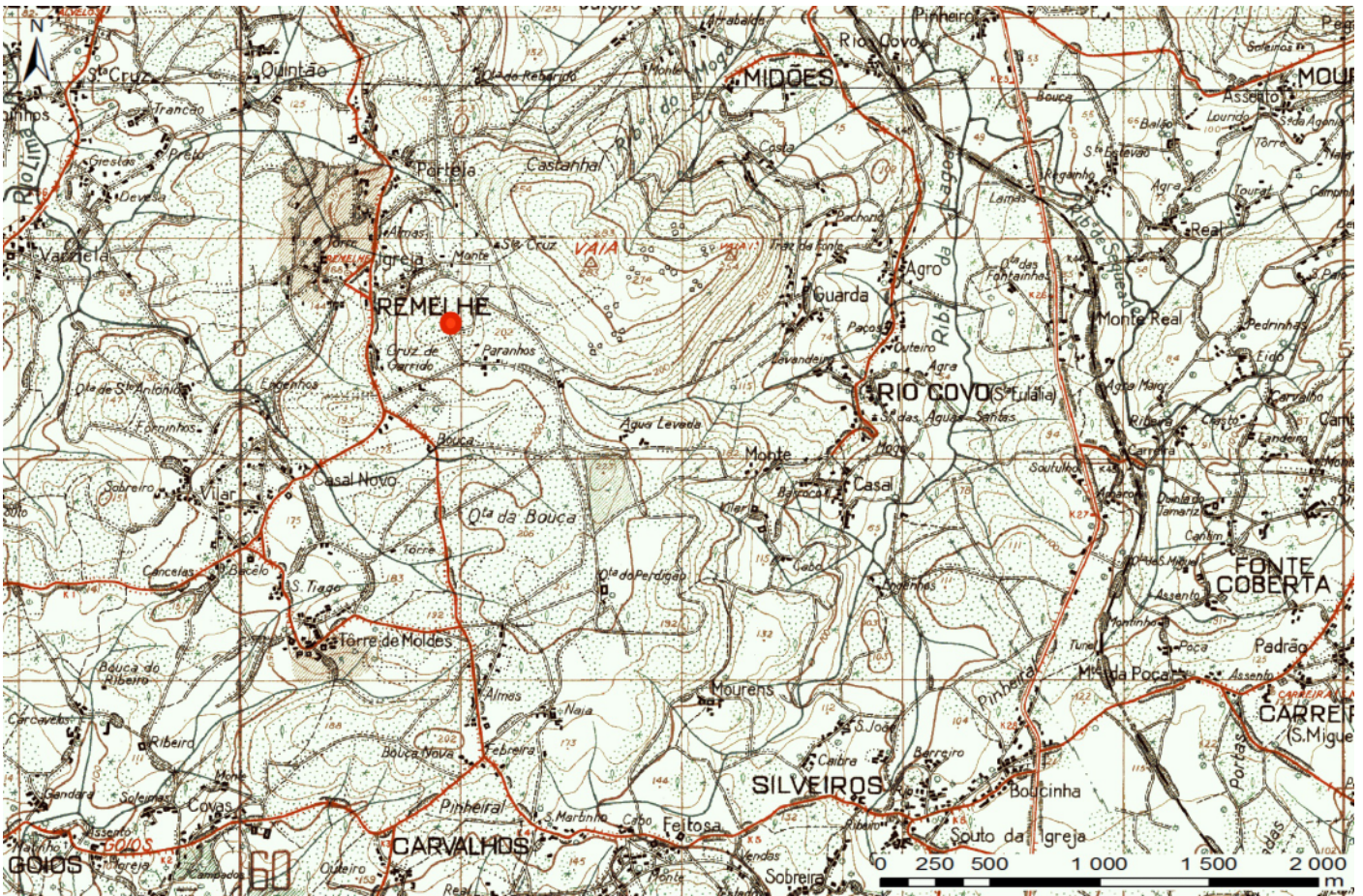


Figura 4: Localização do complexo da Quinta de Paranho na Carta Militar de Portugal, folha nº 69, escala 1/25 000 (ed. Serviços Cartográficos do Exército).

antrópica, a SE, S e SO. A sua superfície superior é tendencialmente aplanada, embora com ligeira pendente para SE\E, sendo visível um pequeno patamar a nordeste. O afloramento é também atravessado por algumas diaclases, de pouca profundidade e largura (Fig. 5). Pelas características e disposições dos motivos na topografia do afloramento foi possível individualizar três painéis, dois dos quais profusamente gravados, curiosamente os que se localizam a uma cota ligeiramente superior e individualizados pela diaclase de maior dimensão, orientada de NO para SE.

No painel 1, profusamente decorado, que ocupa o topo SO do afloramento, a figura dominante é um semicírculo concêntrico com covinha central, virado a oeste, que se encontra no rebordo do afloramento. Abaixo deste foram gravados círculos concêntricos de diferentes diâmetros (mas sempre pequenos), círculos segmentados com covinha central, semicírculos, entre outros motivos erodidos. Muitos destes motivos estão interligados por sulcos meandriiformes.



Figura 5: Aspeto do afloramento gravado da Quinta de Paranho 1 (foto: Ana M.S. Bettencourt tirada em julho de 2015).

O painel 2, também profusamente decorado e que ocupa a área central do afloramento, possui, como motivo dominante, um círculo concêntrico de cinco voltas com covinha central de onde sai um sulco meandriiforme que passa sobre um pequeno círculo concêntrico de duas voltas e se vai unir à segunda figura dominante - um círculo concêntrico de quatro voltas, subdividido por três segmentos de reta. De referir que estes segmentos têm uma



Figura 6: Painéis 1 (à direita) e 2 (a meio) da Quinta de Paranho 1 (foto: Ana M.S. Bettencourt tirada em julho de 2015).

orientação próxima da dos pontos cardiais. Em redor destes motivos foram gravados pequenos círculos concêntricos com covinha central e círculos simples, alguns segmentados, e um semicírculo (Fig. 6). O painel 3, situado a cota inferior e no patamar nordeste, apresenta um círculo com covinha central, covinhas e sulcos e outras figuras de difícil identificação, sem um estudo mais aprofundado. É de salientar que nesta área o afloramento está parcialmente soterrado, pelo que será possível a existência de outros motivos.

Quinta de Paranho 2 dista, apenas, cerca de 25m para O-SO do anterior, mantendo-se o contacto visual entre ambos. Foi identificado por Cláudio Brochado, arqueólogo da Câmara Municipal de Barcelos, quando procedeu ao reconhecimento do local para integração no Plano Diretor Municipal daquele município. O afloramento é, também, rasante ao solo e tendencialmente aplanado. Tem cerca de 2,09 m de comprimento e cerca de 1,90 m de largura, com o seu maior eixo disposto no sentido NE-SO. Numa das extremidades são visíveis dois encraves de quartzo e, noutra, duas marcas de perfuração recentes, hipoteticamente

resultantes de tentativas de extração artesanal de pedra. Está apenas parcialmente gravado na área mais elevada, onde se observa um círculo concêntrico de duas voltas, segmentado, com covinha central (Fig. 7).

Tecnicamente, todas estas gravuras foram efetuadas por percussão seguidas de polimento, sendo os sulcos, de perfil em “U”, relativamente perceptíveis. Inquiridas as populações locais durante visitas ao local, desconhecem-se quaisquer lendas ou outro tipo de histórias associadas às gravuras.

2.2. Santiago de Moldes

Santiago de Moldes situa-se no lugar de Moldes, também na freguesia de Remelhe, a pouco mais de 1 km para sudoeste do complexo de gravuras da Quinta de Paranho. Corresponde a um bloco granítico deslocado do seu contexto original que integra a parede lateral, virada a sul, da capela de São Tiago de Moldes, antiga igreja paroquial (Fig. 8). Não se sabe, contudo, se o mesmo integraria o corpo original da capela, de origem medieval, ou se ali foi parar após obras de restauro ocorridas em 1839 e noticiadas por Teotónio da Fonseca, em 1948.



Figura 7: Quinta de Paranho 2, onde se pode observar, a meio, um motivo circular segmentado com covinha central (foto: Ana M.S. Bettencourt tirada em julho de 2015).

Pese embora estas incertezas, o tipo de granito é similar ao do complexo de Paranho, pelo que se poderá considerar de origem local, tendo em conta que este tipo de granito ocupa uma pequena mancha do território.

O bloco, de forma subquadrangular e medindo cerca de 50 cm por 50 cm, inclui a representação da parte do corpo de um zoomórfico, motivo raro a sul da bacia do rio Lima. Trata-se de um quadrúpede, com o corpo delimitado por dois traços, a face inacabada e a representação de orelhas (?) e das patas esboçadas por simples sulcos. Atendendo à presença de sulcos interrompidos, numa das extremidades do bloco, fica a ideia de que o mesmo incluiria mais representações (Fig. 9). Os motivos foram delineados por percussão seguida de abrasão, sendo os sulcos de perfil em “U”. Tal descoberta reveste-se de especial importância, uma vez que indicia a hipótese de, nas imediações da

capela ou no raio da sua freguesia, ter existido (pelo menos) mais um afloramento com gravuras de tradição Atlântica.

2.3. Moinhos de Vento

Moinhos de Vento não corresponde ao nome popularmente atribuído ao afloramento gravado, mas à designação atribuída por Bettencourt (2014b) tendo em conta o topónimo do local. O terreno é conhecido por Campo dos Moinhos de Vento, um lugar onde ainda hoje é possível observar construções daquele tipo. Em termos administrativos o afloramento gravado localiza-se no lugar de Crasto, na freguesia de Sequeade, ocupando o topo de um esporão da extremidade SO do Monte de Airó. As coordenadas geográficas decimais, no sistema WGS 84, são as seguintes: N 41° 30.318' e W -8° 32.704', à altitude de 281 m (Fig. 10).

Alguma bibliografia relativa ao povoamento da Idade do Ferro (Martins 1990) e da Idade do Bronze (Bettencourt, 1999) refere que aí teria existido um povoado proto-histórico. A zona é abundantemente aflorada por granodioritos, de grão médio ou média a fino, frequentemente porfiroides, de coloração acinzentada (Teixeira *et al.*, 1969). Do local, sem a arborização atual, composta por eucaliptos, existiria excelentes condições de visibilidade para os vales da ribeira de Sequeade, à qual fluem cursos de água tributários da margem esquerda do rio Cávado. O afloramento gravado é rasante ao solo, exceção feita à sua extremidade sul (Fig. 11). Tem o maior eixo, com cerca de 3 m, disposto no sentido N-S e uma largura de quase 2 m, denotando um ligeiro declive para oeste. Os motivos gravados são parciais e localizam-se na extremidade sul do afloramento. Correspondem a um painel que inclui um raro motivo. Trata-se de uma mão, com cinco dedos, e de um antebraço esquerdo, com 39 cm de comprimento. O antebraço tem a particularidade de se articular com uma depressão, de contorno circular e fundo aplanado, com cerca de 19 cm de diâmetro. A norte da mão encontra-se, ainda, uma pequena covinha. Dadas as dimensões dos dedos e do antebraço parece tratar-se de uma mão de um indivíduo jovem (Fig. 12).

3. Algumas considerações

Dado o carácter limitado dos dados sujeitos a análise, será necessário sublinhar que as



Figura 8: Capela de S. Tiago, Remelhe, vista de sudeste: o quadrado vermelho marca o bloco granítico com gravuras rupestres (foto dos autores tirada em março de 2016).



Figura 9: À esquerda, aspeto atual do bloco granítico no corpo da capela restaurada (fot. dos autores tirada em março de 2016). À direita, o mesmo antes do restauro da capela (foto: Cláudio Brochado).

considerações em seguida apresentadas devem ser encaradas com relativas reservas, cabendo espaço a confirmações futuras decorrentes de novos trabalhos de investigação. Em primeiro lugar é possível admitir que existe Arte Atlântica, quer no curso superior da bacia do Cávado (como Obsedo) quer no seu curso inferior (Quinta de Paranho e Laje dos Sinais/Monte do Olheiro).

Em segundo lugar podemos referir que a profusão de composições circulares, em alguns casos unidas por sulcos, dentro da Arte Atlântica, indicia que estamos num território onde predomina o que se considera como o seu estilo clássico. Segundo Bettencourt *et al.* (no prelo) este estilo será predominante para sul da bacia do rio Lima, sendo esta bacia a área limite no que respeita à representação de zoomorfos de forma sistemática. No entanto, o quadrúpede identificado em Santiago de Moldes, ao indiciar um lugar gravado com zoomorfos no curso inferior do rio Cávado, consubstancia a hipótese de que esta gramática

decorativa seria mais recente do que o estilo clássico, tendo-se expandido a partir do litoral da Galiza, ou seja, de norte para sul, por via litoral, num momento em que as composições circulares já tinham sido adotadas e assimiladas (Bettencourt *et al.*, no prelo). No que concerne à localização dos lugares com Arte Atlântica, e recorrendo a uma microescala de análise, os afloramentos mais gravados parecem privilegiar os afloramentos horizontalizados, rasantes ao solo, e pouco ou nada destacados (Quinta de Paranho 1 e Laje dos Sinais 1), embora este estilo se manifeste, igualmente, em afloramentos mais irregulares. Além disso, a implementação dos respetivos afloramentos gravados parece ter distinguido lugares com bom domínio visual sobre os vales imediatos. Aqui, também o complexo de Obsedo, implementado sobre uma bancada rochosa na Peneda/Gerês, a 1450 m de altitude, partilha estas características. A uma média escala de análise, e uma vez que o caso de Obsedo é, pelo seu ambiente de montanha,



Figura 10: Localização de Moinhos de Vento na Carta Militar de Portugal, folha nº 69, escala 1/25 000 (ed. Serviços Cartográficos do Exército).

deveras particular, a preferência parece ter sido dada, no caso da bacia inferior do rio Cávado, a plataformas de montes muito próximos dos vales e com fáceis acessos pedonais a partir destes. Esta é, também, outra característica recorrente no Noroeste da Ibéria, conforme já foi salientado por Bradley (1997, 2002). Numa primeira análise, tal posicionamento facilitaria o acesso das populações a estes lugares significantes. Além disso, pela sua topografia, estes lugares permitiriam uma vasta audiência em seu redor, se é que estas manifestações não seriam feitas para serem vistas, também (ou só), por entidades celestes. Uma última nota para referir que os dois complexos de Arte Atlântica localizados do curso inferior da bacia do Cávado (Laje dos Sinais/Monte do Olheiro e Quinta de Paranho) conjugam mais do que um afloramento gravado, sendo que apenas um deles reúne um maior número de motivos face aos restantes. Será de questionar se não haverá uma hierarquia de afloramentos gravados no seio destes núcleos rupestres, que se interligariam entre si, numa complexa rede de “estórias” e significados ou se, pelo contrário, se trata apenas de um espaço heterogêneo e inter-relacional, com inúmeras níveis de significação e de tempo, numa aproximação ao conceito das heterotopias de Foucauld (1984). De salientar que a primeira opção já foi defendido por Cardoso (2015) para a bacia do rio Ave, enquanto a segunda vem sendo defendida por Bettencourt em diversas comunicações orais[6] (Bettencourt, no prelo). Ao ser assim, só o estudo integral dos complexos, em contexto, poderia contribuir para a interpretação da totalidade da mensagem. Será, pois, necessário, que estes lugares sejam interpretados com uma maior inter-relação e transversalidade, descentrando a atenção nos afloramentos mais gravados em detrimento de uma abordagem que privilegie o lugar como um todo.

Quanto à arte esquemática, esta é apenas conhecida no curso superior da bacia do Cávado, no concelho de Vieira do Minho (Almas 1), em plena serra da Cabreira onde este tipo de iconografia se expressa, igualmente, na Laje dos Cantinhos/Zebra, Bragadas, Parada, Agra 2 e 3, Penedo da Pegadinha, todos em Vieira do Minho, embora já na bacia do Ave (Cardoso, 2015, p. 105; Cardoso & Bettencourt, 2015). Em relação às representações de covinhas é de destacar que tanto aparecem associadas a motivos e núcleos da arte Atlântica, a podomorfos,

como isoladas, em contextos de vale ou de monte, podendo integrar ampla cronologia e, provavelmente, multiplicidade de significados. Os dados disponíveis indiciam uma ampla tradição de gravação de afloramentos na bacia do rio Cávado. Trata-se de uma prática que ocorre deste a Pré-história Recente (Arte Atlântica e de tradição esquemática) até, pelo menos, à Idade do Ferro (adição da suástica na Laje dos Sinais/Monte do Olheiro 1). Os podomorfos deverão inserir-se na Idade do Bronze e/ou Idade do Ferro, segundo vários autores (Santos Estévez, 2007, p. 179; Cardoso, 2015, p. 236-237).

Neste intervalo cronológico colocamos, igualmente, o afloramento com a gravação de um serpentiforme identificado nas imediações da capela da Senhora da Boa Fé. Refira-se que estes motivos surgem gravados quer em contextos megalíticos do Noroeste da Península Ibérica, remontando ao Neolítico, quer em contextos da Idade do Ferro. No primeiro caso referimos, por exemplo, o caso do dólmen do Padrão, Baltar, Paredes (Corrêa, 1924). Para a Idade do Ferro refira-se a representação da cabeça de um ofídio, em granito, encontrados no Monte de Sanfins, na área do castro com o mesmo nome, concelho de Paços de Ferreira, distrito do Porto (Paço, 1965), o que revela a continuidade da importância simbólica destes animais durante este período. A presença deste motivo também ocorre em contexto da Arte Atlântica, mas sempre em posição periférica ou em sobreposição aos motivos circulares, tal como foi referido por Cardoso (2015, p. 239). Segundo esta autora, a representação isolada de serpentiformes é recorrente em afloramentos no interior de povoados da Idade do Ferro, no Noroeste, sendo, provavelmente dessa cronologia (Cardoso, 2015, p. 239). No entanto é de destacar os serpentiformes isolados do Morro do Castelo, Lugar de Milagres, freguesia de Cambezes, concelho de Monção (Vieira, 1886; Vasconcelos, 1902; Neves, 1952; Marques, 1984), local, onde, em afloramento próximo foram encontrados artefactos metálicos do Bronze Final (Marques, 1984), o que aconselha prudência em relação à adscrição destes motivos isolados, de grande dimensão, apenas durante a Idade do Ferro (Bettencourt *et al.* no prelo). No caso da representação de mãos em gravuras rupestres, as que mais se assemelham à de Moinhos de Vento são as de Fraga do Colado, em Arganil, as de Vale do Gato II, na Pampilhosa, e a

de Casal Leitão, na Lourinhã. Ainda que, em todos estes casos, apenas tenham sido gravados os seus contornos.



Figura 11: Vista geral do afloramento, a partir de ponte, onde se localizam as gravuras rupestres (foto dos autores tirada em março de 2016).



Figura 12: Pormenor da gravura de Moinhos de Vento (foto dos autores tirada em março de 2016).

Segundo Abreu (2012), a distribuição destas representações, com exceção da conhecida na Lourinhã, é sempre continental. Neste sentido, a

gravura de Moinhos de Vento é a mais ocidental, tratando-se, pois, de uma exceção no contexto do Noroeste de Portugal. A sua cronologia é difícil de determinar. Se aceitarmos as propostas cronológicas para os paralelos (Abreu, 2012) esta gravura poderia enquadrar-se, algures, entre o Calcolítico e o Bronze Final. No entanto, o facto de parecer ter sido gravada a pico metálico, indicia datação posterior, talvez da Idade do Ferro, se pensarmos no afloramento de La Peña de Santa María, Iruelos, Salamanca, que associa a representação de uma mão direita a um “assento em pedra”, a um órgão sexual masculino e a um par de podomorfos (Benito del Rey & Grande del Brio, 1994)[7].

Atendendo ao potencial da área em questão parece viável afirmar que os trabalhos no quadro da temática da arte rupestre da bacia do Cávado devem continuar a ser incentivados.

Agradecimentos

Este trabalho foi realizado no âmbito dos projetos Rota da Arte Rupestre do Noroeste. Um projeto de Turismo Cultural, desenvolvido no seio do Laboratório de Paisagem, Património e Território (Lab2PT), e Arte Rupestre do Noroeste Ibérico. Liminaridade e Heterotopia, apoiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia através da bolsa SFRH/BSAB/114296/2016.

Notas:

[1] Além dos locais descritos no texto, assinalam-se covinhas em afloramento da área da Capela Senhora das Neves/Pedra de Água de Pincães (CNS 13980), na freguesia de Cabril, Montalegre; nas Almas 2, (CNS 31753), freguesia de Salamonde, em Vieira do Minho, e num afloramento apenas denominado de Salamonde (CNS31755), naquela freguesia, também em Vieira do Minho.

[2] De ter em atenção que estes autores se enganaram na designação deste afloramento, nomeando-o de Santa Eugénia.

[3] Estudo de Impacto Ambiental A11/IC14 Esposende - Barcelos - Braga, Sublanço EN205 - Nó de Barcelos.

[4] No Portal do Arqueólogo o serpentiforme é localizado em afloramento contíguo à antiga capela. Na visita que os autores efetuaram ao local, o único sulco que existe, no conjunto de afloramentos adossados a um dos muros da antiga capela, não corresponde a um serpentiforme. De referir que o local também não se localiza num cabeço, na extremidade sudoeste da serra de Airó. Aí fica

a atual capela de Nossa Senhora da Boa Fé, localizando-se o achado a cota superior desta e num patamar distinto.

[5] A descoberta do afloramento 1 ocorreu quando um adolescente, natural de Remelhe, procedia à recolha de musgo para o presépio de natal.

[6] De salientar a comunicação intitulada “Liminality and movement: a perspective from the prehistoric rock art of the Santa Luzia Sierra (Portugal, North-western Iberia)”, proferida no 25th Valcamonica Symposium. Art as a Source of History, Centro Camuno di Studi Preistorici, Capo di Ponte, Bréscia, Itália, 20 a 26 de setembro de 2013.

[7] Prepara-se um trabalho monográfico sobre este afloramento que será publicado oportunamente.

Bibliografia

- Abreu, M.S., 2012. *Rock-Art in Portugal: History, Methodology and Traditions*. Tese de Doutoramento, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Baptista, A.M., 1986. Arte rupestre pós-glaciária. Esquematismo e abstracção. *História da Arte em Portugal* (Vol. 1). Lisboa: Alfa, pp. 31-55.
- Benito del Rey, L. & Grande del Brío, R. 1994. Nuevos santuarios rupestres prehistóricos en las provincias de Zamora y Salamanca, *Zephyrus*, 47, pp. 113-131.
- Bettencourt, A.M.S., 1999. *A Paisagem e o Homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios AC* (5 Vols). Tese de Doutoramento, Universidade do Minho.
- Bettencourt, A.M.S., 2014a. Almas 1. In: Bettencourt, A.M.S., Abad-Vidal, E. (eds.) *CVARN - Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste Português* (www.cvarn.org).
- Bettencourt, A.M.S., 2014b. Moinhos de Vento, In: Bettencourt, A.M.S., Abad-Vidal, E. (eds.) *CVARN - Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste Português* (www.cvarn.org).
- Bettencourt, A.M.S., Abad-Vidal, E. & Rodrigues, A. (no prelo). CVARN-Rock art virtual corpus of Northwestern Portugal. A multimedia tool to investigate and disclose the pos-palaeolithic rock art. In: Bettencourt, A.M.S., Santos Estévez, M., Cardoso, D., Sampaio, H.A. (eds.). *Recorded Places, Experienced Places. The Holocene Rock Art of the Iberian Atlantic Margin*. *Bar International Series*: Oxford: Archaeopress.
- Bradley, R., (1997). *Rock Art and the Prehistory of Atlantic Europe. Signing the Land*. Routledge, London/NewYork.
- Bradley, R., 2002. Access, Style and Imagery: The Audience for Prehistoric Rock Art in Atlantic Spain and Portugal, 4000–2000 BC. *Journal of Archaeology*, 21 (3), 231-247.
- Brochado, C., 2014. Penedo das Curtinhas/Penedo das Cortinhas. In: Bettencourt, A.M.S., Abad-Vidal, E. (eds.) *CVARN - Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste Português* (www.cvarn.org).
- Cardoso, D., 2015. *A Arte Atlântica do Monte de S. Romão (Guimarães) no Contexto da Arte Rupestre Pós-paleolítica da Bacia do Ave – Noroeste Português*. Tese de Doutoramento, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Cardoso, D. & Bettencourt, A.M.S., 2015. Arte “Esquemática” de ar livre na bacia do Ave (Portugal, NO Ibérico): espacialidade, contexto, iconografia e cronologia, *Estudos do Quaternário*, 13, 32-47.
- Cardoso, M., 1951. Monumentos Arqueológicos da Sociedade Martins Sarmento. *Revista de Guimarães*, 61 (3-4), 5-80.
- Coimbra, F., 2001. As gravuras rupestres da Laje dos Sinais (Barcelos). *Revista de Guimarães*, 111, 183-199.
- Coimbra, F., 2004. Arte rupestre do concelho de Barcelos (Portugal). Subsídios para o seu estudo. *Anuario Brigantino*, 27, 37-70.
- Corrêa, A.A., 1924. *Os Povos Primitivos da Lusitânia*. Casa Editora de A. Figueirinhas, Porto.
- Foucault, M., 1984. Dits et Écrits, Architecture, Mouvement, *Continuité*, 5, 46-49.
- Gomes, M.V. & Monteiro, J.P., 1974-1977. As Rochas Decoradas da Alagoa, *O Arqueólogo Português* 7-9 (Série 3), 145-162.
- Martins, M.M., 1990. O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do rio Cávado. *Cadernos de Arqueologia – Monografias* 5. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- Marques, J.A.M., 1984. Inventário Arqueológico do

- Concelho de Monção. *Revista de História da Faculdade de Letras do Porto*, 1, 73-110.
- Neves, L.Q., 1952. O petróglifo de Cambeses (Monção). *Arquivo do Alto Minho*, 4, 15-19.
- Paço, A., 1961. Citânia de Sanfins – Parte VI: Fundo pré-histórico. *Lucerna*, 3-4 (1), 7-20.
- Pessoa, J.S.; Bettencourt, R.; Freitas, R.; Loureiro, B.; Valente, A. & Marques, J., 1953. *Carta Militar de Portugal, folha nº 69, à escala 1/25 000 (Série M888)*. Serviços Cartográficos do Exército, Lisboa.
- Pinho Leal, A.S.A.B., 1973 [2006]. *Portugal Antigo e Moderno* (Vol. 2). Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, Lisboa.
- Sampaio, H.A., 2014. *A Idade do Bronze na bacia hidrográfica do rio Ave (Noroeste de Portugal)*. Tese de Doutoramento, Universidade do Minho.
- Sampaio, H.A. & Cardoso, D., 2014. Laje dos Sinais/Monte do Olheiro. In: Bettencourt, A.M.S., Abad-Vidal, E. (eds.) *CVARN - Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste Português* (www.cvarn.org).
- Santos Estévez, M., 2007. Petroglifos y Paisaje Social en la Prehistoria Reciente del NW de la Península Ibérica. *Traballos de Arqueoloxía e Patrimonio – TAPA*, 38.
- Sarmiento, F.M., 1933. *Dispersos*. Imprensa da Universidade, Coimbra.
- Silva, D.M. 1958. *Entre Homem e Cávado, Amares e Terras de Bouro* (Vol. 3). Amares.
- Teixeria, C.; Medeiros, A.C.; Lima, J. & Barroso, J., 1969. *Carta Geológica de Portugal, folha 5-C, à escala 1/50 000*. Direção Geral de Serviços Geológicos, Lisboa.
- Vasconcelos, J.L., 1902. Antigualhas de Monção. *O Arqueólogo Português*, 7 (1): 285-288.
- Vieira, J.A., 1886. *O Minho Pitoresco* (Vol. 1). Livraria António Maria Pereira, Lisboa.